

“É MUITO DIFÍCIL LARGAR UM POEMA NO MUNDO”: ENTREVISTA COM A POETA CATARINA NUNES DE ALMEIDA

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p21-28*

Por Virgínia Boechat¹

Catarina Nunes de Almeida é uma novíssima poeta portuguesa. Nascida em Lisboa, em 1982, conta com dois livros de poesia já publicados, *Prefloração*, de 2006, e *A metamorfose das plantas dos pés*, de 2008, além de um terceiro em vias de sair, previsto para 2010. Foi contemplada, em 2006, com o Prêmio Daniel Faria e com o Prêmio PEN Clube Português para Primeira Obra. Atualmente desenvolve uma tese de Doutorado acerca de relações entre a poesia portuguesa do século XX e as estéticas orientais. A presente entrevista foi realizada pessoalmente, em Lisboa, em 30 de setembro de 2009.¹

* Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 1, n. 2, dez/2009:

<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/3942>

DOI original: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i2p229-235>

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

¹ Como a conversa foi transcrita, mantiveram-se as normas ortográficas do Português vigentes no Brasil.

VIRGÍNIA BOECHAT: O seu primeiro livro, *Prefloração*, apresenta elementos que me chamam a atenção, as epígrafes com versos de poetas japoneses, como Bashô, também os títulos das quatro partes em que está dividido, “Semente”, “Elogio da Luz”, “Elogio da Sombra” e “Flor”, além de imagens como “O meu corpo é um caule sem chão nem raiz/ só de patas; (...)”. Isso tudo me leva a pensar na busca, ali, de uma determinada relação com a natureza, por um lado, e, por outro, na influência que a pesquisa de doutorado pode exercer sobre a sua poesia. Você reconhece, de fato, essas vertentes sobre a sua poesia? Como você percebe a intensidade de cada uma?

CATARINA NUNES DE ALMEIDA: Sim, sobretudo a pesquisa do Doutorado foi importante para esse livro, embora eu ainda não estivesse a trabalhar já, digamos, de forma consciente para a Tese, eu já estava a rondar esses temas. A organização do livro acaba por ir buscar também muito à organização das coletâneas clássicas orientais, japonesas e chinesas, embora estas se organizassem geralmente segundo uma temática sazonal, ou seja, os poemas distribuíam-se por estações do ano. Aqui, também tentei dar uma dimensão cíclica. De fato, o livro começa com as sementes e vai por aí fora, até à flor, embora tudo isso aliado ao próprio ciclo feminino; temos a criação de uma flor e também, metaforicamente, a criação de um sujeito feminino.

VB: Você falou agora do ciclo, o que é interessante, porque lembro que esse livro tem uma organização muito rígida do número de poemas, são 8, 10, 10 e 8. Tem um espelhamento e tem um ciclo mesmo, o primeiro poema toca o último, os dois falam da primeira noite.

CNA: Exatamente. Nisso sem dúvida foram os orientais que me ‘orientaram’ [risos], e me deram o rigor nas escolhas.

VB: *Prefloração* também traz uma epígrafe de Huidobro e nos poemas, assim como nos do segundo livro, ecoam versos e imagens de outros poetas. Quais você citaria como uma consciente influência na sua produção?

CNA: No primeiro livro... talvez aqueles que eu citaria, embora não sejam tão evidentes assim à primeira vista, são os poetas que eu lia muito naquela altura. Bem, era o Rilke, eram os orientais, sobretudo os poetas japoneses do haiku, e o Alberto Caeiro, o Ramos Rosa, o Eugénio, que deve acompanhar a adolescência de muitos jovens poetas portugueses. Havia também, sim, poetas latino-americanos, havia mesmo o Octavio Paz, que eu lia muito. É um livro escrito um pouco naquela fase da adolescência, porque o fui escrevendo ao longo de anos e só resolvi publicar naquela altura. Assim, há alguns autores que fazem parte de uma educação, sobretudo sexual, que ali estão, como o Neruda, o Paul Éluard, por exemplo. O que me estou a lembrar ainda é, por exemplo, do Mário de Sá-Carneiro; há um poema, o “Meta”, que dedico mesmo ao Sá-Carneiro. Há um certo verso em que ele diz “Vêm-me saudades de ter sido Deus”, e eu começo o meu poema exatamente por aqui: “Não me vêm saudades de ter sido Deus”.

No caso d’*A Metamorfose das Plantas dos Pés*, já existe uma recuperação mais aberta, um dialogar com alguns poetas. Há um poema em que vou ao encontro de Ricardo Reis, daquele poema que repete o “desenlacemos as mãos, Lídia”. Eu prossigo com “lancemos estas mãos ao mar”.² E depois, mais uma vez, há muito do universo rilkeano, aliás a epígrafe é do Rilke. E há, de fato, muitos outros autores que entram. Eu não consigo deixar de ler o próprio Daniel Faria, por exemplo, e não só, também a Luiza Neto Jorge, entra muito ali, também a Maria Teresa Horta. Eu gosto muito das poetas que não tiveram pudor nem constrangimentos por serem mulheres nos seus poemas, e que se deixaram guiar por aquele ‘diamantezinho’ feminino que tinham dentro delas.

VB: A próxima pergunta era “o que você lê, como leitora?”, mas acho que talvez você até já a tenha respondido...

CNA: Sim, mais ou menos. Aí temos que falar da nossa conversa de ontem³, porque tenho que dizer que leio também, por exemplo, brasileiros; a Clarice Lispector, a partir de certa altura, tornou-se uma referência essencial. Mas não só... depois, outros autores, por exemplo, de romance,

² O poema referido é “Bendito sejas tu, Nero, entre os pássaros.”, em *A metamorfose das plantas dos pés*.

³ A tal conversa da véspera teve como assunto a própria Clarice Lispector, entre outros autores brasileiros.

os contemporâneos; gosto muito do Enrique Vila-Matas – não sei se tu conheces – é um autor espanhol. Gosto sempre tanto dos japoneses, do Kawabata ou do Tanizaki. Tento ler, o mais possível, os autores portugueses da minha geração; é o caso do valter hugo mãe, que tem escrito romances exemplares. Dentro da novíssima poesia portuguesa, prefiro não nomear ninguém, porque pela notável qualidade a lista acabaria infindável, mas é um leque que me agrada abrir cada vez mais. Pensar em autores é muito difícil, porque a pessoa lê tanta coisa...

VB: Você pensa agora em outras artes que de alguma forma a influenciam?

CNA: Sim, o próprio cinema. Quando eu estive em Itália, nos primeiros tempos, eu tinha um companheiro lá, vivíamos juntos. Ele trabalhava em cinema, era realizador, e acho que acabou por ser ele a fazer despertar em mim uma atenção visual aguda. Na verdade, eu já a tinha, porque era uma pessoa observadora e tudo mais, mas ficou ainda mais exaltada desde que estive a viver com ele, isto é, com alguém que abordava a paisagem humana a partir de um ponto de vista cinematográfico. Também a própria vivência italiana apela muito mais aos sentidos. Portugal é mais... vá lá... passivo... ali é tudo muito passional e inconstante, está sempre a acontecer, sobretudo em Nápoles, a vida é um grande teatro. Depois, o próprio teatro não deixou, de certo modo, de influenciar um pouco a minha passagem pela escrita. E eu penso que fora da poesia – que é onde eu me sinto em casa – a casa emprestada onde eu poderia um dia arriscar a escrever talvez fosse o teatro. E, claro, há sempre a música, a pintura, podia ir também por aí. A pintura, sobretudo, também ligada à Itália, começou a ter uma presença muito forte na minha vida, sobretudo em dias que simplesmente falham as palavras. Às vezes até me apetece responder a determinadas perguntas com quadros; por exemplo, perguntas que me fazem sobre “qual é a musica que ouço”, às vezes, apetece-me responder apenas com um quadro; por exemplo, uma paisagem de Hiroshige, onde se ouve tanta coisa.

CNA: É uma boa pergunta [risos]. Eu, por acaso, já não sei se acredito tanto nessa imagem do português associado a um certo espírito triste. Existe sempre uma melancolia inerente aos portugueses, sim, isso sim, que está na própria paisagem até, na própria desertificação; e também ao mar nós podemos associar esse tipo de sentimento, de melancolia, de tristeza. Em relação a esse poema, em concreto, fui levantar muitas questões que me visitam, de vez em quando, enquanto mulher. Aqui talvez seja o primeiro poema em que eu questiono realmente a maternidade. Isso, sim, assusta-me mais, o fato de criar esse *musgo* para o mundo triste. Embora minha poesia não seja uma poesia social e, por vezes, seja até um bocadinho arredada da realidade, cria as suas fábulas – uma vez eu escrevi que é verdadeira como qualquer fábula –, mas, enfim, são questões que estão lá no inconsciente e que depois vêm acima, assim. Não sei, não penso que sejamos um povo triste, ou que ainda esteja afetado por pulsões trágico-marítimas – se é que se pode continuar a falar em termos de povo, porque estamos hoje todos uns com os outros. O que eu penso é que nós temos apetência para ser um pouco mais contidos, mais contemplativos, daí também a propensão para as temáticas orientais e para certas perspectivas mais exóticas em relação à vida.

VB: Você acha que essa criatura informe, que é um pouco humana, um pouco animal e um pouco vegetal, pode também ser identificada com a poesia? Digo isso também em relação à imagem da criação poética associada à da mãe.

CNA: Sim, sem dúvida. Eu acho. Eu ainda não sou mãe, mas penso que o ato da criação poética talvez seja o que esteja mais próximo da maternidade. Bem, podemos dizer até, talvez, o ato de criação artística em geral talvez seja o que está mais próximo. Eu posso dizer, em relação àquilo que faço e que gosto de fazer, que é escrever, que sim, está muito próximo, porque existe associado a ele esse sentimento de sofrimento, de um certo esgotamento até, quando ‘sai’ cá pra fora, no gesto de expulsão. E depois surge, ao mesmo tempo, um sentimento de proteção. É muito difícil largar um poema no mundo, como será difícil largar um filho, não é? É muito difícil colocar o nosso filho nas mãos de outras pessoas. Será que eles o vão tratar bem? Será? Nós somos protetores, instintivamente protetores


com a nossa cria e temos medo que ela não seja bem compreendida, ou que ela não seja... enfim, é semelhante, muito semelhante.

No meu caso, o meu 'laboratório poético' acaba por ser até bastante longo. Às vezes converso com outros amigos poetas e vejo que existe um pouco de tudo. Existem os poetas que escrevem por impulso e depois da 'expulsão' pouco mexem nos poemas, aquilo que sai é aquilo que mais ou menos resiste até o fim. No meu caso, é um trabalho um pouco mais longo, por isso mesmo até associo mais à maternidade, porque é uma espécie de *educar* o poema. Sai aquele primeiro esboço, ou seja, aquela primeira criatura, por vezes disforme e vermelhada, com o cordão umbilical ainda preso [risos], que depois, aos poucos, eu vou lavando. Não sei, é ir ensinando as primeiras letras ao poema; ir-lhe dando algum alimento mais. É assim que eu gosto de trabalhar.

VB: Sei que você tem projetos de futuros livros, porque já chegamos a conversar sobre o assunto, mas você gostaria de falar um pouco do livro que vai ser publicado em 2010?

CNA: Sim, até porque agora já é uma coisa mais definida. Eu vou abandonar, não sei se por muito ou por pouco tempo, ou se pra sempre, mas vou abandonar a temática que estava presente nesses dois primeiros livros. Aliás, já me chegaram a perguntar se eu preparava uma trilogia, se ficava assim uma espécie de *Senhor dos anéis* [risos] ou *das flores nos anéis* [risos]. Mas vou abandonar. Há pouco falamos em relação à tradição da poesia portuguesa, a longa tradição; eu resolvi, de fato, visitá-la. Esse terceiro livro conta muito com aquilo que fui retirar à poesia medieval portuguesa, à poesia trovadoresca e palaciana. Fui retirar não só em termos temáticos, da atmosfera daquelas composições, mas, mesmo em termos de linguagem, apeteceu-me recriar a partir daquele português que estava em 'bruto', que ainda era o galego-português. Sobretudo porque alguns daqueles versos, trazidos para a poesia de hoje, embora causem muita estranheza, constituem uma maravilhosa subversão, um verdadeiro desafio para a língua, para os jogos rítmicos. É, no fundo, digamos, a reinvenção de um português primitivo. E em alguns casos vou-me mesmo reapropriar dos versos e colocá-los no meio dos poemas, poemas que dão total privilégio à música. Talvez, até, venha a ser um livro para ser dançado, mais do que para ser lido. Procuro ir buscar tudo aquilo que me

deu a poesia medieval, aliada ainda à perspectiva simbolista verlainiana, da poesia como música. Essencialmente, é isso. Depois haverá também, e disto eu me não consigo mesmo despir, uma respiração que é necessariamente feminina. De fato, é o meu 'diamante' feminino que me impele para a escrita, por isso, o sujeito feminino continua a ser central. É a partir dele que o erotismo se depura e adquire perspectiva. Vai ser um livro bastante feminino, embora mais humano do que vegetal.

Licença: 

Concepção e realização da entrevista:

Virgínia Boechat

Professora e poeta. Doutora egressa do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Contato: virginiabboechat@gmail.com